

Quando se fala de ideias que revolucionam uma sociedade inteira, isto quer dizer que, no seio da velha sociedade, se formaram os elementos de uma nova sociedade e que a dissolução das velhas ideias marcha ao lado da dissolução das antigas condições de vida. Karl Marx, em Manifesto do Partido Comunista.

Introdução

Marx e Engels, no *Manifesto do Partido Comunista*, expressam que a história que conhecemos até hoje é a história da luta de classes. A dinâmica da luta de classes é o que determina se a sociedade se mantém enquanto tal ou se dá lugar a uma nova, dividida em classes ou sem classes². A luta de classes, no entanto, se manifesta em todas as instâncias da sociedade, o que quer dizer que atinge tudo e todos. Além disso, se manifesta de forma diversa, na forma mais explícita e fundamental, através da relação entre a classe que domina e a classe que é explorada, nos locais de produção; nos demais locais de trabalho, entre patrão (ou a burocracia) e empregados; no cotidiano, entre a sociedade civil e o estado; ou de forma implícita, através dos valores e interesses das classes, por exemplo, entre as relações de competição em confronto com a solidariedade, da valorização do dinheiro versus valorização do ser humano, entre o ter e o ser etc.

Partindo deste pressuposto, este texto propõe abordar uma questão que integra a luta de classes, tratando-se da relação entre a luta cultural e a estratégia revolucionária. Para realizar esta discussão o texto foi dividido em três partes. Na primeira será abordada a luta cultural, o objetivo neste tópico é entender o que é luta cultural, a sua

¹ Militante do Movimento Autogestionário (MOVAUT). Professor da Universidade Estadual de Goiás (UEG).

² Na Revolução Russa em 1917, por exemplo, emergiu uma nova forma de sociedade, que foi chamada por muitos estudiosos de capitalismo de estado (ver, por exemplo, Pannekoek, 2011), estabelecida sob o crivo da luta de classes. Já as diversas experiências da luta revolucionária do proletariado (o grande exemplo é a Comuna de Paris de 1871, ver Marx, 1986) demonstraram na prática o projeto de sociedade fundada na autogestão, uma sociedade sem classes.

razão de ser e como esta se manifesta concretamente. A segunda parte do texto é dedicada a entender o que é estratégia revolucionária. Por fim, na última parte, será analisada a relação da luta cultural com a estratégia revolucionária.

A luta cultural

A luta cultural é a expressão da luta de classes na esfera cultural (MARQUES, 2013; MARQUES, 2018). A luta de classes é o pressuposto da luta cultural, a primeira é a razão de ser da segunda. A luta de classes, por sua vez, tem como razão de ser a sociedade dividida em classes sociais. As classes sociais estabelecem um conflito constante entre si no processo em que buscam a efetivação dos seus interesses. As classes sociais têm sua origem demarcada historicamente no modo de produção e de distribuição das riquezas necessárias para satisfazer as necessidades humanas.

O atual modo de produção, o capitalista, por exemplo, foi desenvolvido a partir de um projeto de sociedade elaborado pela classe capitalista e é fundamentado na extração e apropriação do mais-valor. Com o seu desenvolvimento emerge uma forma de vida específica que tem como base fundamental a relação entre os proprietários dos meios de produção (os capitalistas) e os explorados (o proletariado)³.

A relação entre os capitalistas e o proletariado é uma relação de exploração. Nas relações de trabalho os produtores são constrangidos a trabalharem em troca de uma pequena parte do trabalho realizado, o salário. Os produtores, por sua vez, não são indiferentes a esta situação, demonstram iniciativas diversas de contestação, começam a lutar contra a forma de vida instituída. “A princípio, a luta é assumida por operários isolados; mais tarde, por operários de uma mesma fábrica; finalmente, por operários do mesmo ramo de indústria, de uma mesma localidade, contra o burguês que os explora diretamente” (MARX; ENGELS, 1988, p. 83).

A burguesia, no entanto, cria meios para manter e reproduzir o seu projeto de sociedade e faz isso por intermédio da repressão e do controle nos locais de trabalho, regularizados por leis através do estado. O estado torna-se o auxiliar exemplar da

³ Sobre as classes no capitalismo, ver Viana (2018a).

burguesia. Sua tarefa é manter intacta a ordem capitalista, fazendo-o através da regularização das relações sociais.

Neste contexto, emergem duas formas distintas e fundamentais de consciência de classe: a consciência burguesa e a consciência do proletariado revolucionário. É o modo de produção burguês que eleva a consciência de ambas as classes. Com o desenvolvimento do capitalismo um conjunto de questões tornam-se sagradas para a consciência burguesa, quais sejam: a propriedade privada, o trabalho assalariado (alienado), as leis, o estado, a produção e venda de mercadorias. Outras questões emergem daí e fortalecem o modo de pensar burguês⁴, a exemplo da competição, da burocratização, mercantilização etc. Ao criar leis para garantir a manutenção da forma de vida burguesa, a burguesia dá um passo fundamental para sistematizar sua consciência. Segundo Marx e Engels (2007, p. 93):

A produção de ideias, de representações, da consciência, está, em princípio, imediatamente entrelaçada com a atividade material e com o intercâmbio material dos homens, com a linguagem da vida real. O representar, o pensar, o intercâmbio espiritual dos homens ainda aparecem, aqui, como emanação direta de seu comportamento material.

Em decorrência da forma de vida burguesa instituída, que constrange a totalidade da sociedade a viver de acordo com o modo de produção estabelecido, eleva-se a forma de pensar burguesa. Aos poucos, esta é sistematizada por um conjunto de indivíduos que passam a dedicar-se exclusivamente ao trabalho intelectual. Com isso a vida burguesa que predomina na realidade passa também a predominar na esfera da produção intelectual. Assim, além da luta que se estabelece nos locais de produção com o proletariado, estabelece-se também uma luta cultural.

A luta cultural da burguesia se estabelece através do bloco dominante, que reúne, além do aparato estatal e toda sua capacidade de produção, divulgação, manipulação, cultural, as grandes organizações privadas (tais como fundações, tanto as internacionais quanto as nacionais), os partidos políticos, as instituições estatais (universidades e escolas), os meios de comunicação (estatais e o capital comunicacional), a maior parte da classe intelectual, etc. (VIANA, 2015, p. 10).

Marx e Engels (2007) já haviam ressaltado que as ideias da classe dominante são as ideias dominantes, o que significa dizer que no modo de produção capitalista as ideias

⁴ Sobre o modo de pensar burguês, ver Viana (2018b).

dominantes são as ideias da classe burguesa. Isso pode ser percebido na realidade através da predominância da crença na propriedade privada, no trabalho assalariado, nas leis, no estado, na produção e venda de mercadorias, na competição etc.

A produção cultural burguesa naturaliza a forma de vida burguesa. Isso se efetiva quando não questiona a realidade de classes, quando não apresenta um projeto de sociedade futuro, quando demonstra uma descrença na transformação social, quando trata de assuntos diversos sem relacioná-los com o modo de produção existente (fundado na exploração), quando não discute os fundamentos da sociedade, a luta de classes e sua tendência à autogestão.

A burguesia, por deter o poder financeiro, consegue se apropriar do conjunto das instituições produtoras e divulgadoras de cultura, exercer o controle do estado, além de financiar intelectuais para produzir formas culturais que estejam de acordo com o seu modo de vida. Neste contexto, suas ideias predominam e são convertidas em conteúdos fundamentais no processo de formação da consciência em geral, constringendo a maior parte da sociedade a reproduzirem-nas. O indivíduo que não conhece outra forma de sociedade que não seja a capitalista é constringido a viver eternamente, pensando que a única forma de vida possível é a vida burguesa. E como a maioria da população mundial vive neste contexto, isso representa, obviamente, uma força de reprodução significativa do modo de vida burguês.

Apesar do poder que mantém em suas mãos, a burguesia permanece lado a lado com a classe que contesta a sociedade, o proletariado. Este, em decorrência da exploração que sofre, desenvolve uma forma de consciência que é distinta da consciência burguesa. Enquanto a burguesia lhe impõe e defende o trabalho alienado, desenvolvendo uma consciência que busca naturalizar as relações de produção existentes, o proletariado desenvolve uma consciência de não aceitação do trabalho alienado e de contestação das relações de produção. A luta pela supressão do trabalho alienado, que lhe provoca o descontentamento, é espontânea. Apesar do controle e da necessidade do trabalho assalariado para sobreviver, não aceita passivamente o trabalho que lhe é imposto.

Deste questionamento emerge uma consciência crítica da realidade, que no início é limitada aos parâmetros da vida burguesa, pois questiona e luta para alterar questões específicas, como os baixos salários, as más condições e as longas jornadas de trabalho. É neste contexto que o proletariado começa a se organizar e a criar organizações para fortalecer sua luta.

Com o avanço de sua consciência surgem os sindicatos, que logo são regularizados pelo estado e integrados na dinâmica do capitalismo. Os sindicatos, de organizações proletárias, são convertidos em organizações burocráticas, com o objetivo de negociar a força de trabalho. Portanto, limitam a luta operária por estabelecer uma luta que não vai além das relações de produção existentes. Ao serem regularizados pelo estado se separam da classe operária e se tornam autônomos, passando a ser regidos por um grupo de dirigente que agora são convertidos em integrantes da burocracia; portanto, auxiliares da burguesia no processo de controle do proletariado.

Apesar da ação contrarrevolucionária do estado e do conjunto das organizações burocráticas, o proletariado age e continua sua luta, desenvolve sua consciência e avança, passando a questionar essas organizações. Com a autonomização de sua luta surge o princípio da auto-organização, a partir do qual desenvolve novas formas de organização pautadas no princípio da autogestão.

Todo esse processo fundamentado na radicalização da luta operária expressa o avanço de sua consciência. Neste contexto, o proletariado, assim como a burguesia, recebe o auxílio de indivíduos que integram a sua luta e buscam articular teoricamente as suas experiências, a sua consciência. Vai se formando, com isso, um bloco revolucionário. “Os agentes do bloco revolucionário são algumas parcelas da juventude, círculos militantes, intelectuais engajados, proletários e indivíduos mais politizados das classes desprivilegiadas” (VIANA, 2015, p. 11).

Daí emerge a teoria do proletariado ou a cultura revolucionária. Nunca é demais lembrar que “a existência de ideias revolucionárias numa determinada época pressupõe desde já a existência de uma classe revolucionária” (MARX; ENGELS, 2007, p. 48). A consciência do proletariado revolucionário, agora sistematizada teoricamente, foi essencial para o processo de formação e fortalecimento da sua luta, pois, agora

extrapola a esfera da produção e passa a ser realizada nas várias instâncias da sociedade. Nesse sentido, a luta da classe operária recebe um reforço e passa a se manifestar na esfera cultural, sendo convertida em luta cultural.

A luta cultural, portanto, é a expressão da luta de classes na esfera da cultura. E por cultura entendemos aqui “o conjunto das produções intelectuais de determinada sociedade” (VIANA, 2006, p. 126). A cultura se manifesta de diversas formas. No interior da luta de classes assume formas que estão relacionadas aos interesses das classes existentes, dando origem à luta cultural, a exemplo da teoria e dos teoremas (concepção do proletariado) em confronto com as ideologias, a ciência e a esfera artística (concepção burguesa) etc.

No interior desta forma que assume a luta de classes, isto é, a forma da luta cultural, a burguesia mantém a sua hegemonia, assim como acontece nos locais de produção. Isso se dá em decorrência de seu poder financeiro, como já foi dito anteriormente, que lhe possibilita produzir, se apropriar e controlar os locais de produção da cultura, assim como financiar a maior parte da produção intelectual, além de manter um rígido controle sobre os meios de divulgação da mesma. Por isso que, segundo Viana (2015, p. 50-51),

A luta cultural pode e deve ocorrer sob as mais variadas formas, tal como concretamente ocorre. A teoria, a arte, o humor, a propaganda generalizada, a crítica, os projetos alternativos, são formas de luta cultural [...] sob os mais variados meios: livros, revistas, panfletagens, boletins, obras de arte (música, poesia, contos, etc.), uso da internet, etc.

É em decorrência do perigo que pode representar para a burguesia a liberdade de uso dos meios de comunicação, que ao estado é delegada a tarefa de criar leis para regularizar o processo de criação e divulgação da cultura. Com isso, a cultura relacionada à concepção do proletariado – como, por exemplo, a crítica ao estado⁵, à classe burguesa, à sociedade de classes e seus derivados – é obliterada. Os meios oligopolistas de comunicação estão sob o poder da burguesia, são uma fração do capital, o capital

⁵ Não se refere aqui ao indivíduo ou partido que está no estado, concepção que predomina na realidade, mas à própria existência do estado enquanto um aparato burocrático que presta auxílio à burguesia.

comunicacional. Sendo uma fração do capital, não desempenhariam outro papel senão o de ser o meio de divulgação da cultura burguesa.

Portanto, com o poder do estado em suas mãos, com as leis (expressão de sua consciência) através das quais realiza o controle dos meios de produção e de divulgação da cultura, com a intelectualidade auxiliando-a na produção de ideologias e o conjunto das instituições atuando de acordo com os seus interesses, a burguesia consegue criar um mundo à sua imagem e semelhança. A luta cultural burguesa se torna inigualavelmente mais poderosa do que a luta cultural proletária.

O proletariado não tem acesso aos meios oligopolistas de comunicação e sua concepção é marginalizada. A produção e divulgação da sua cultura, no entanto, é realizada através de meios alternativos. O apoio de trabalhadores intelectuais para sistematizar a sua luta é um ato voluntário. É uma atividade que não oferece vantagem financeira, e, além disso, muitos sofrem com a marginalização e constrangimentos.

Apesar desta situação, o proletariado tem uma vantagem sobre a burguesia, a maior parte dos trabalhadores intelectuais que passam a se dedicar à luta cultural revolucionária o fazem por convicção. Além disso “tem a vantagem de possuir compromisso com a verdade e com a transformação social” (VIANA, 2015, p. 11). Carregam consigo a chama da esperança de uma nova sociedade onde a vida criada pela burguesia seja um dia superada; mantêm em sua luta o objetivo de dar a sua contribuição rumo à transformação social.

A luta cultural que é estabelecida na perspectiva do proletariado não é nada fácil, considerando o contexto em que esta se dá. No entanto, assim como o proletariado luta constantemente nos locais de produção – fazendo-o de forma espontânea e independente, e que em determinado contexto avança e torna-se autônomo, com a tendência para atingir a autogestão social –, os militantes que se dedicam à luta cultural seguem o mesmo princípio da luta constante. Todavia, é preciso destacar um diferencial: enquanto nos períodos não revolucionários o proletariado apresenta-se como classe em si (isto é, como determinado pelo interesse do capital), na esfera da luta cultural mantém o princípio da classe para si, ou seja, como classe autodeterminada.

Uma vez que a sua forma de manifestação em período revolucionário é articulada teoricamente, a consciência proletária mantém o seu caráter revolucionário no plano da cultura; mantém vivas as experiências anteriores que se tornou classe para si, momento em que conseguiu se tornar classe revolucionária e colocar em xeque a sociedade burguesa. Portanto, a teoria continua mantendo o seu papel de antecipar na esfera da cultura a sociedade do futuro. Mas é em decorrência das diversas dificuldades que a luta cultural revolucionária enfrenta que surge a necessidade de criar estratégias para ser efetivada.

A estratégia revolucionária

Antes de abordar a luta cultural e sua relação com a estratégia revolucionária, o que será feito no próximo tópico, é preciso discutir o que é estratégia revolucionária. Embora sejam raras as reflexões sobre esse tema, alguns intelectuais dedicaram a refletir a questão da estratégia. A maior parte da pouca produção existente foi sistematizada a partir da perspectiva burguesa, logo, contribui com a reflexão de estratégias voltadas para a reprodução do modo de produção capitalista, o que demonstra, ao mesmo tempo, que a burguesia recebe o apoio de intelectuais e militantes políticos na luta cultural. Há, por exemplo, aqueles que discutem a estratégia a partir da ação sindical, a exemplo de Gorz (1968); outros de partidos políticos, como Altamira (1997) e Almeida e Cancelli (1998); na concepção militar, como Baeza (1991) ou ainda na perspectiva da intelectualidade, como Anderson (1986). Mas e a estratégia na perspectiva do proletariado?

No interior da escassa produção existente, destaco aqui a concepção de Marx, que apesar de não ter se dedicado especificamente a este tema deixou um conjunto de reflexões que são fundamentais para a abordagem da estratégia revolucionária. Aqui vou tratar de um texto específico que foi escrito com Engels. Além disso, há as reflexões de Viana que tratam especificamente sobre este tema, aqui retomaremos algumas das questões que colocou como forma de fundamentar a discussão apresentada.

No *Manifesto do Partido Comunista*, há um capítulo específico em que Marx e Engels abordam a posição dos comunistas diante do proletariado. Esta análise é

fundamental para avançar na reflexão sobre a estratégia revolucionária. Um primeiro ponto a ser destacado é que os comunistas não elaboram uma concepção oposta à da classe operária. Não “têm interesse que os separem do proletariado em geral. Não proclamam princípios particulares, segundo os quais pretenderiam modelar o movimento operário” (MARX; ENGELS, 1988, p. 88).

Nesta passagem fica evidente que os comunistas não formam um partido autônomo, desassociado da luta operária, com interesses próprios e possuídos de poder para controlar e dirigir a classe operária, como ele ressalta, para “modelar o movimento operário”. Os comunistas formam uma unidade com a classe operária e buscam expressar a luta revolucionária na esfera cultural e nas demais instâncias da sociedade. Há, no entanto, apenas duas distinções, segundo Marx e Engels, entre os comunistas e os operários. Essas duas distinções são:

1. Nas diversas lutas nacionais dos proletários, destacam e fazem prevalecer os interesses comuns do proletariado, independentemente da nacionalidade;
2. Nas diferentes fases por que passa a luta entre proletários e burgueses, representam sempre e em toda parte, os interesses do movimento em seu conjunto (MARX; ENGELS, 1988, p. 88).

Esta concepção deixa evidente a existência de uma unidade entre os interesses dos comunistas e os interesses da classe operária. O objetivo pelo qual lutam é o mesmo, qual seja, o de abolir a sociedade de classes e instituir a autogestão. Os comunistas, no entanto, têm a tarefa de manter acesa a chama revolucionária da luta operária, de manter em constante evidência o objetivo da luta, os fins que buscam atingir o movimento operário. Isso é fundamental uma vez que o estado cria um conjunto de estratégias para manter o controle da classe operária, a exemplo de se colocar como intermediário na resolução dos interesses imediatos.

Na concepção de Marx e Engels a luta pelos interesses imediatos dos comunistas deve ser articulada para contribuir com o alcance do objetivo final da luta operária. Ou seja, “os comunistas combatem pelos interesses e objetivos imediatos da classe operária, mas, ao mesmo tempo, defendem e representam, no movimento atual, o futuro do movimento” (MARX; ENGELS, 1988, p. 107). Não se trata de reduzir a luta aos interesses imediatos, mas de fortalecer a luta operária e contribuir para que seja instituído um processo revolucionário.

Nesse sentido, ele destaca que os interesses imediatos dos comunistas devem se pautar pela “constituição dos proletários em classe, derrubada da supremacia burguesa, conquista do poder político pelo proletariado” (MARX; ENGELS, 1988, p. 88). Esta última questão criou uma série de confusões, pois acabou sendo interpretada como se estivessem defendendo que o proletariado devesse assumir o poder do estado. Considerando o que Marx manifesta em várias obras⁶, conclui-se que estão se referindo aqui ao processo em que o proletariado se torna autônomo em relação à classe burguesa e ao estado e atua enquanto classe autodeterminada. No entanto, afirmam que:

A supremacia do proletariado fará com que tais demarcações e antagonismos desapareçam ainda mais depressa. A ação comum do proletariado, pelo menos nos países civilizados, é uma das primeiras condições para sua emancipação (MARX; ENGELS, 1988, p. 94).

Quando citam a “supremacia do proletariado” se referem ao processo em que o proletariado está passando para a terceira fase de sua luta⁷, a autogestionária, momento em que toma em suas próprias mãos a direção de sua vida e inicia o processo de instituição da autogestão. Isso significa que a autogestão é fruto de um processo que percorre a luta operária. Segundo Marx e Engels (1988, p. 95): “o proletariado utilizará sua supremacia política para arrancar pouco a pouco todo capital à burguesia”.

Viana apresenta uma discussão sobre a estratégia revolucionária que acrescenta, aprofunda, desenvolve e apresenta de forma atualizada questões colocadas por Marx e Engels neste texto discutido anteriormente. O autor discute a estratégia revolucionária em dois textos específicos, em um capítulo de sua obra *Manifesto Autogestionário* e em um artigo intitulado *Blocos Sociais e a Estratégia de Classe*. Esses textos não serão aqui discutidos minuciosamente, o que demandaria mais espaço e a citação de outras obras do autor, portanto, vou apenas ressaltar alguns elementos para nos auxiliar nesta discussão.

O primeiro ponto que Viana ressalta na introdução do livro *Manifesto Autogestionário* é que este se trata de uma atualização do *Manifesto do Partido Comunista* de Marx e Engels. O autor aborda a estratégia revolucionária na terceira seção

⁶ Ver, por exemplo, Marx (1986).

⁷ Sobre as fases da luta operária ver Jensen (2001).

do livro. Uma das atualizações do texto do Manifesto a ser ressaltada aí é a substituição do termo “comunista” por “militantes autogestionários”. Esta mudança é explicada por uma necessidade de manter a sua autenticidade, “principalmente depois da deformação do pensamento marxista realizado pelo leninismo e social-democracia” (VIANA, 2008, p. 11), os quais converteram a concepção teórica de comunismo de Marx, pautada no autogoverno dos produtores, em uma concepção ideológica, burguesa.

Viana (2008, p. 31) ressalta que “o movimento autenticamente revolucionário sempre evitou elaborar uma estratégia revolucionária. Para este movimento, a verdadeira estratégia revolucionária se expressava na luta operária, ou seja, na prática do movimento operário”. A tarefa do militante revolucionário era a de contribuir com a classe operária, no sentido de radicalizar a sua luta até se criar um contexto revolucionário. Esta observação é importante para distinguir as concepções ideológicas que emergiram posteriormente a Marx. É pressuposto que Viana faz a crítica às deformações do pensamento de Marx, realizadas principalmente pelo reformismo, com Bernstein e Kautsky, e pelo bolchevismo, com Lenin, Trotski e Stalin.

É em decorrência destas deformações e da necessidade de ação dos militantes autogestionários que o autor ressalta a importância de se discutir a tarefa dos revolucionários, logo, a necessidade de elaborar uma estratégia revolucionária. Para o autor isso é necessário “para que a atividade dos militantes revolucionários se torne uma prática política consciente e ligada intimamente aos interesses históricos do proletariado, ou seja, aos interesses da luta pela autogestão” (VIANA, 2008, p. 34).

Viana (2008) considera a estratégia revolucionária “como a forma de luta política dos militantes revolucionários, submetida aos interesses e ao desenvolvimento do movimento real dos trabalhadores objetivando a constituição da sociedade autogerida” (VIANA, 2008, p. 34). Isso quer dizer que a luta revolucionária mantém uma unidade com o objetivo da luta empreendida pelo proletariado revolucionário, qual seja, o de abolir as relações de produção capitalista e instituir a autogestão.

Nesse sentido, o papel do militante revolucionário passa a ser o de “acelerar o processo revolucionário e reforçar as condições necessárias para a vitória do proletariado” (VIANA, 2008, p. 35). O autor ressalta que a estratégia revolucionária deve

articular reforma e revolução, movimento e objetivo. Esse processo deve integrar as lutas cotidianas ao objetivo final, o qual deve ser o pressuposto para a definição dos meios a serem utilizados para atingi-lo, a exemplo das lutas reivindicativas já apontadas por Marx e Engels.

Para Viana, as lutas reivindicativas representam uma das fraquezas do movimento revolucionário, pois, este têm demonstrado uma incapacidade de articular aquelas com a luta revolucionária. As reformas propostas pelo estado para atender os interesses específicos das classes desprivilegiadas limitam a luta, por isso essa deve se pautar pela articulação entre reformas revolucionárias e revolução, que segundo Viana (2008, p. 38) “criam brechas revolucionárias que alteraram a correlação de forças beneficiando o proletariado em sua luta contra o capital”.

Um último ponto a ser destacado ainda neste texto de Viana é a separação que o autor propõe entre estratégia específica e estratégia global. A estratégia específica “é aquela aplicada em determinado movimento social (ecológico, estudantil, feminista, negro etc.) ou em determinado local (moradia, lazer trabalho) e a estratégia global é aquela aplicada ao movimento operário em geral e na sociedade em sua totalidade” (VIANA, 2008, p. 38). Essa questão é fundamental para não se cair no reformismo, quando a luta é empreendida por questões específicas desassociadas da estratégia global.

A estratégia global do movimento operário, ao qual deve estar submetida as estratégias específicas em geral, é articular as lutas em cada unidade de produção generalizando-as a ponto de expandir em nível nacional a greve geral. Essa deve assumir o caráter de greve de ocupação ativa, implantando os conselhos de fábrica ou empresa autônomos e autogeridos que instituirão a autogestão nas fábricas e, conseqüentemente a dualidade política (VIANA, 2008, p. 39).

Aos militantes revolucionários, portanto, cabe a tarefa de aderir a este movimento levado a cabo pelo proletariado, criar estratégias específicas, no sentido de favorecer a instalação de um processo revolucionário, submetendo-as à estratégia global. Neste ponto, é importante a sua atuação nos diversos movimentos sociais e demais setores da sociedade para fortalecer o bloco revolucionário⁸. Assim, quando o

⁸ Para Viana (2008, p. 42), “o bloco revolucionário contaria com o conjunto das classes exploradas e o conjunto dos movimentos sociais juntamente com os militantes autogestionários e correntes políticas de esquerda e estaria sob a hegemonia revolucionária do proletariado”.

processo revolucionário for instituído, sua tarefa passa a ser a de colaborar com a estratégia global. Haveria outros pontos a serem destacados que contribuem para esclarecer a estratégia revolucionária, mas não temos muito espaço para continuar. Por ora, ressaltamos estes pontos, uma vez que há outros a serem considerados em seu outro texto sobre a estratégia revolucionária.

Viana também discute a estratégia revolucionária no artigo *Blocos Sociais e Estratégia de Classe*, que apesar de ser “uma breve introdução” ao tema, como ressalta o autor, oferece contribuições importantes para compreendê-lo. Segundo ressalta logo no início, o termo estratégia já foi definido sob inúmeras formas e pretende apresentar uma concepção de estratégia revolucionária no interior da teoria marxista. Após fazer a crítica à tradição leninista-stalinista, que utilizou o termo no sentido de sua etimologia, em uma perspectiva militar, dirigista, ou seja, antimarxista, Viana (2019, p. 01) ressalta que na perspectiva marxista a estratégia “só pode ter o sentido de ser um projeto que planeja sua concretização, ou seja, é meio para se chegar a um determinado fim, que, por sua vez, deve manter uma unidade indissolúvel”. A revolução social, objetivo final da luta operária, mantém uma unidade indissolúvel com a estratégia revolucionária. Através desta se estabelece os meios que possam contribuir com o processo para atingir aquela.

Assim, podemos definir estratégia como a reflexão sobre os meios e fins necessários para realização de um projeto. Estratégia revolucionária, por conseguinte, é a reflexão sobre os meios e fins necessários, bem como sobre sua unidade, para a concretização da revolução social, ou seja, da autogestão social que ela materializa (VIANA, 2019, p. 10, grifos do autor).

A estratégia revolucionária pressupõe reflexão; necessita, portanto, de uma base teórica que lhe favoreça a eficácia na ação. Esta base teórica possibilita analisar “a totalidade da sociedade e suas tendências, potencialidades, contradições, crises, objetivo final, etc” (VIANA, 2019, p. 10). Nesse sentido, a estratégia revolucionária pressupõe a formação e a teoria, pois é partindo de um determinado saber e concepção da realidade que torna possível a elaboração de uma estratégia eficaz. Esse saber vai possibilitar a clareza sobre o lugar onde se quer chegar, o fim a ser alcançado, ou seja, a autogestão. Toda organização revolucionária, portanto, precisa se preocupar com a formação teórica e com a estratégia revolucionária, sendo a primeira o pressuposto da segunda e a segunda a razão de ser de qualquer organização revolucionária.

Essa percepção é fundamental, pois, como ressalta, os fins justificam os meios, e sendo o fim a ser alcançado a autogestão só tem sentido utilizar de meios que favoreçam a luta para atingi-la. Nesse sentido, o caminho a ser seguido é o da luta autogerida e não o da burocracia, do capital e/ou de outros que derivam daí, pois estes últimos só podem levar à reprodução da sociedade de classes. Mas não apenas seguir o caminho do capital pode favorecê-lo, como também o de manter-se no imobilismo, permanecer estático em relação à luta de classes. “Sem ação humana não há mudança e sem ação que gere já uma mudança, nada irá alterar” (VIANA, 2018, p. 137).

Como destaca o autor, a ação é essencial para provocar a mudança. Ficar esperando que o proletariado faça a revolução é cair no imobilismo e isso favorece a burguesia, pois não gera nenhuma mudança na realidade. É contraditório criar estratégias sem o pressuposto da ação. As declarações de concordância com a transformação social sem uma ação concreta tão pouco contribuem para favorecer a sua realização. Por isso é preciso agir de alguma forma para reforçar o bloco revolucionário, o que pode ser feito através da reunião de pessoas, da autoformação, da luta cultural etc.

Outro ponto discutido pelo autor é que o proletariado nunca elaborou uma estratégia revolucionária, pois na luta de classes desenvolve uma espontaneidade revolucionária. Esta espontaneidade se manifesta através das lutas espontâneas e autônomas, que podem chegar ao estágio das lutas autogeridas. E segundo ele só neste ponto é que há uma estratégia revolucionária, pois, o objetivo final torna-se claro, a autogestão social, e os meios evidentes, a autoeducação, auto-organização, articulação e generalização. Esse processo gera a reflexão e a unidade entre os meios e os fins, que apesar de não ser baseada em uma forma teórica, aponta para o objetivo da luta revolucionária, a autogestão.

Nesse contexto, a classe operária pode sofrer com a ação contrarrevolucionária do capital e da burocracia, por isso a necessidade de colocar a estratégia como questão fundamental da luta revolucionária. Contudo, conforme ressalta Viana, quem elabora uma estratégia revolucionária em momentos não-revolucionários são os indivíduos e grupos revolucionários. Daí a importância de discutir a relação das organizações revolucionárias com o proletariado e a estratégia revolucionária para ambos. Para as

primeiras a estratégia revolucionária é sua razão de ser, cujo objetivo é contribuir com a luta do proletariado. Já para esse, a importância da estratégia revolucionária “é fornecer elementos e apoiar sua luta, fortalecendo a sua tendência de realizar a autogestão social, bem como contribuir com o aceleração desse processo e dificultar a contrarrevolução” (VIANA, 2018).

Há outros elementos apontados por Viana neste texto que contribuem para compreender a estratégia revolucionária, mas não temos mais espaço para prolongar esta discussão. Alguns outros pontos retomaremos no tópico seguinte, na abordagem sobre a relação da luta cultural com a estratégia revolucionária.

Luta Cultural e Estratégia Revolucionária

Vimos no primeiro tópico que a luta cultural é expressão da luta de classes na esfera da cultura. No segundo tópico, que a estratégia revolucionária corresponde à reflexão sobre os meios e fins utilizados pelos militantes revolucionários para contribuir com a luta proletária com objetivo de instituir um processo revolucionário rumo à autogestão. Considerando estas duas questões, o primeiro ponto a ser ressaltado é que, entre diversos outros, a luta cultural é um dos meios fundamentais utilizado pelos militantes revolucionários como estratégia fundamental da luta revolucionária.

Para compreender o porquê de a luta cultural ser uma estratégia importante para a luta revolucionária é preciso compreender que a cultura é mobilizadora e interfere na dinâmica da luta de classes. Engels, em uma carta endereçada a Joseph Bloch⁹ em 1890, evidencia a influência das formas culturais na dinâmica da luta de classes. Segundo ele:

A situação econômica é a base, mas os diversos elementos da superestrutura – as formas políticas da luta de classes e seus resultados, a saber, as constituições estabelecidas uma vez ganha a batalha pela classe vitoriosa; as formas jurídicas e mesmo os reflexos de todas essas lutas reais no cérebro dos participantes, as teorias políticas, jurídicas, filosóficas, as concepções religiosas, e seu desenvolvimento ulterior em sistema dogmáticos – exercem igualmente sua ação sobre o curso das lutas históricas e, em muitos casos, determinam de maneira preponderante sua forma (ENGELS, 1957, p. 309, grifo nosso).

⁹ Estudante de Matemática em Berlin, e redator da revista Berlin, que abordava o socialismo científico.

No plano das formas de regularização (superestrutura) estão as formas culturais, a luta cultural. Esta, como ressalta Engels, influencia as lutas históricas, a luta de classes. Essa mesma concepção é compartilhada por Marx, segundo o qual a teoria transforma-se em uma força material ao ser utilizada como orientação nas lutas estabelecidas. Segundo afirma em uma de suas primeiras obras, “é certo que a arma da crítica não pode substituir a crítica das armas, que o poder material tem de ser derrubado pelo poder material, mas *a teoria converte-se em poder material quando penetra nas massas*” (MARX, 2005, p. 151, grifo nosso).

A partir desta concepção de Marx vemos o quão essencial é a afirmação que Viana apresenta de que a luta cultural pressupõe a reflexão, logo, o domínio da teoria. O militante revolucionário deve colocar como um dos pressupostos a sua autoformação, o domínio básico da expressão teórica da luta revolucionária do proletariado, o que pressupõe leitura constante do método, da teoria, das críticas às ideologias e das experiências do proletariado. Isso possibilita não perder de vista o objetivo da luta revolucionária e contribuir para que no decorrer da vida cotidiana evite reproduzir a concepção burguesa.

O passo seguinte é utilizar essa formação para pensar estratégias que possam auxiliar a luta revolucionária, isso significa que tendo clareza do fim a ser alcançado, os meios devem ser criados e descobertos pelo militante revolucionário. É neste contexto que a luta cultural emerge como meio fundamental. A dedicação à luta cultural não é simples, uma vez que exige, de um lado, assegurar os pressupostos teórico-metodológicos da concepção revolucionária, de outro, contribuir com o aprofundamento da concepção revolucionária, uma vez que o proletariado está sempre criando meios novos para lutar contra o capital, e por fim, dedicar à crítica da realidade criada pelo capital e das ideologias sistematizadas por seus auxiliares, que estão a cada dia criando ideias e formas novas para reproduzir a sociedade de classes.

Como foi colocado anteriormente as estratégias equivalem à reflexão. É através desta que efetiva-se o processo de criação dos meios necessários para elaborar e realizar as estratégias. Não há uma cartilha, um modelo a ser seguido, uma vez que cada situação exigirá ações distintas, mas é possível elencar algumas das estratégias já utilizadas na

luta cultural. Uma das estratégias realiza-se através da produção teórica e da crítica das ideologias.

A produção teórica é uma estratégia importante na luta cultural por ser o meio de expressar a luta revolucionária estabelecida pelo proletariado em sua história. Uma vez sistematizada serve como fonte de formação fundamental para os militantes revolucionários, além de se tornar um material que pode possibilitar outros indivíduos a avançarem e romperem com a concepção burguesa.

Neste ponto, a produção teórica pressupõe também a crítica às ideologias, entendidas aqui como uma falsa consciência sistematizada. Marx é um exemplo nesse processo, em toda a sua vida dedicou a fazer a crítica dos ideólogos de sua época partindo da perspectiva do proletariado. A partir da crítica que realizou emergiu o oposto às ideologias, a teoria. Por isso é considerado atualmente um dos principais teóricos do proletariado. A crítica é essencial para superar as ilusões que são sistematizadas pelos ideólogos, que acabam dificultando a consciência de avançar. A ideologia representa uma força mobilizadora, no sentido da reprodução da realidade, pois, além de ocultar as relações de exploração, naturalizam as relações de produção existentes.

A negação da perspectiva revolucionária no interior das universidades é um claro exemplo da predominância da ideologia. Aquele é o espaço dos ideólogos, logo, é onde são sistematizadas as ideologias. Enquanto tal contribui para a sistematização da perspectiva burguesa, portanto, é ao mesmo tempo um espaço onde a luta de classes se manifesta. Nesse sentido, uma das estratégias revolucionárias pressupõe a luta neste espaço. Enquanto os intelectuais burgueses dedicam a produzir ideias de acordo com os interesses da burguesia, aos intelectuais revolucionários cabe a tarefa de produzir ideias de acordo com os interesses do proletariado. Esta é uma estratégia importante, pois, a concepção proletária articulada teoricamente servirá de material de formação para ser utilizada em grupos de estudos, em palestras etc., sendo estas, portanto, estratégias importantes na luta cultural.

A produção teórica e a crítica das ideologias, no entanto, não são as únicas formas que assumem a estratégia da luta cultural, esta pode acontecer também na esfera

artística, que envolve a atuação revolucionária através do cinema, da música, dos quadrinhos, do teatro etc. A esfera artística é integrada pelas diversas formas de arte. Historicamente, tem servido como instrumento de reprodução das relações de produção capitalistas. Assim como o papel que desempenha as universidades, também interfere na luta de classes a favor da burguesia. Prevalece atualmente as ideologias que promovem a idolatria da arte, a não crítica da arte, o que pressupõe que esta não deve ser criticada. Contudo, da perspectiva do proletariado, esta nada mais é do que uma concepção que deve ser combatida, por ocultar o que está por trás das produções artísticas, os valores e interesses concretizados de determinadas classes sociais, que ao manterem contato com os indivíduos influenciam as suas ações.

Nesse sentido, outra estratégia importante para a luta cultural revolucionária é a dedicação também à produção artística. O pressuposto para a produção de uma determinada obra é a mesma da produção teórica, qual seja, a perspectiva do proletariado. A diferença entre a produção artística e a produção teórica está na forma que é concretizada. Na primeira a forma não permite uma articulação aprofundada de uma determinada discussão, por isso, apenas fragmentos da teoria são manifestados; por isso Viana denomina esta forma de arte revolucionária como teorema. O teorema corresponde a fragmentos da teoria. Por exemplo, Marx escreveu *O Capital*, a sistematização teórica do modo de produção capitalista, e o mesmo foi representado na obra *O Capital em Quadrinhos* na forma de quadrinhos por Ploeckinger e Wolfram (1980), sendo este último apenas fragmentos daquele. Assim, *O Capital* é uma teoria e *O Capital em Quadrinhos* é um teorema, um fragmento da obra mais extensa de Marx.

A questão é que a música, assim como o cinema, a pintura etc., possibilitam a manifestação de uma determinada concepção de forma limitada, fragmentada. Em um livro podemos discutir o estado retomando a sua história, os ideólogos e os teóricos que dedicaram ao seu estudo, às suas formas atuais etc., o que é impossível em um único filme, ou em uma música ou em uma tira de quadrinhos. No entanto, a crítica ao estado é possível ser realizada através de uma das formas que pode assumir a arte. A crítica é articulada, neste caso, com fragmentos da teoria já sistematizada.

É preciso considerar que a arte, assim como qualquer outra forma cultural, interfere na luta de classes, mobiliza pessoas, influencia a forma de pensar e de agir.

Nesse sentido, é estratégico atuar no interior da esfera artística estabelecendo uma luta cultural através da produção e divulgação de obras artísticas, de forma que a perspectiva do proletariado seja manifestada também nesta esfera.

Atualmente, prevalecem produções musicais, cinematográficas, literárias etc., que expressam a perspectiva burguesa. Isso se dá, como já foi colocado anteriormente, devido ao poder financeiro da burguesia, que se apropria dos meios de produção da arte assim como financia diversas produções. Além disso, detém o controle do estado, o que lhe permite um controle também sobre o que se produz artisticamente. Esse controle se dá por intermédio de leis e de mecanismos associados aos interesses dos capitalistas, do lucro. Uma gravadora não produzirá uma música quando se tem a certeza de que não irá vender. Questões ligadas ao cotidiano da vida burguesa tornam-se a matérias primas destas produções, e neste universo a concepção revolucionária não tem espaço. Mesmo que um revolucionário queira gravar suas músicas em uma grande gravadora, teria que despender muito dinheiro, o que é um grande limitador para a produção musical revolucionária.

É por isso que a estratégia revolucionária torna-se fundamental para encontrar meios que possibilitem instituir uma luta cultural através da esfera artística. As grandes produtoras de arte são dominadas pelo capital, neste espaço prevalece a produção artística burguesa. No entanto, formas alternativas podem ser utilizadas pelo militante revolucionário para produzir suas obras. No caso do cinema, por exemplo, há muitos casos de produtores que fazem gravações por celulares e edições com softwares gratuitos etc. Esse processo, inclusive, permite que um mesmo indivíduo desenvolva as várias habilidades necessárias na produção de um filme, como gravação, produção, edição, etc., habilidades que no interior do capital comunicacional são limitadas por serem desenvolvidas por especialistas, todo o processo conta com o trabalho de várias pessoas que desempenham atividades específicas.

Por fim, uma última questão a ser abordada da relação da luta cultural e a estratégia revolucionária é sobre a forma de divulgação da produção cultural dos militantes revolucionários. Assim como a maior parte dos meios de produção cultural estão nas mãos da burguesia os meios de sua divulgação também estão. Os meios oligopolistas de comunicação são dominados pela burguesia, não há espaço para a

perspectiva revolucionária. Não veremos em uma rede qualquer de televisão, por exemplo, um revolucionário discutindo a concepção do proletariado, não veremos notícias sobre a possibilidade do fim do capitalismo ou sobre o projeto de autogestão. Quando divulgam algo que favorece a crítica o fazem por acidente, como é o caso de reportagens ao vivo em que indivíduos mostram cartazes com determinadas mensagens, ou invadem a reportagem para criticar os canais de tv etc.

Por isso, elaborar estratégias para a divulgação da produção revolucionária também é fundamental para a luta cultural, pois é através desta que a perspectiva revolucionária poderá se tornar conhecida e fortalecer o bloco revolucionário. Meios alternativos também representam um caminho, através de livros, panfletos, cartazes, internet etc. Além desses, há outros que são mais difíceis de serem utilizados, mas não é impossível, o que demandaria outras estratégias, como a criação de emissoras de rádio, a utilização de programas comerciais de rádio e tv, colunas de jornais, revistas, cds, que neste caso demandaria recursos financeiros, portanto, a contribuição coletiva dos militantes revolucionários pode ser uma forma de possibilitar a sua realização.

O processo de divulgação pode acontecer também de forma individualizada ou coletiva. As formas individualizadas correspondem à ação dos militantes em seu cotidiano, nos locais de trabalho, de moradia, de diversão etc., o que exigiria novas estratégias em decorrência da repressão que pode sofrer, pois, é mais fácil combater um militante sozinho, com sua demissão, prisão etc., do que um grupo organizado. Dependendo do local de trabalho a ação individual pode ser dificultada, mas em outros há maiores possibilidades. Além da ação individual é também preciso encontrar estratégias para a luta cultural que possam ser efetivas de forma coletiva, que pode dar mais segurança para seus militantes assim como ter resultados mais amplos.

O fundamental para um militante revolucionário é ter clareza de que a luta cultural é uma das estratégias essenciais da luta revolucionária. A luta cultural não é menos importante do que as demais estratégias revolucionárias, pelo contrário, é indispensável e o pressuposto para a atuação em atividades específicas. A reflexão sobre as ações revolucionárias é fundamental, por isso é preciso colocar a estratégia da luta cultural como um ponto central da ação.

Considerações finais

A proposta deste texto foi a de discutir a relação da luta cultural com a estratégia revolucionária. Um primeiro tópico sobre a luta cultural foi necessário para esclarecer as bases da luta cultural, seus pressupostos e razão de ser. A discussão realizada demonstrou que as bases da luta cultural é o modo de produção estabelecido na sociedade de classes, cujo pressuposto e razão de ser é a luta de classes. Foi explicitado que as classes sociais fundamentais desenvolvem interesses distintos em decorrência do lugar que ocupam na divisão social do trabalho, de um lado a burguesia manifesta o interesse de reprodução das relações de produção fundada na produção e extração do mais-valor, de outro, o proletariado manifesta o interesse de suprimir essas mesmas relações de produção. Os interesses de ambas as classes são radicalmente distintos e não restringirão às relações de produção, pois serão manifestados em toda a sociedade, incluindo a esfera cultural, onde se estabelece uma nova forma de luta de classes, a luta cultural. A luta cultural, portanto, é a expressão da luta de classes na esfera da cultura.

Um segundo tópico também foi necessário para abordar a estratégia revolucionária. Dois autores foram fundamentais nesta discussão, tratando-se de Marx e Viana, os quais ofereceram importantes contribuições para se discutir a estratégia revolucionária. Ambos ressaltam a tarefa do militante revolucionário, qual seja, a de contribuir com a luta do proletariado para abolir o capitalismo e instituir a autogestão. A autogestão deve ser o objetivo a ser alcançado por qualquer revolucionário. É nesta perspectiva que Viana define a estratégia revolucionária como a reflexão sobre os meios e os fins utilizados para a realização da transformação social.

Essas duas partes iniciais foram fundamentais para a abordagem proposta no terceiro tópico sobre a luta cultural e sua relação com a estratégia revolucionária. Foi evidenciado que a estratégia revolucionária assume várias formas e uma delas é a luta cultural. A luta cultural, portanto, mantém uma relação de unidade com a estratégia revolucionária e se manifesta de diversas formas, como através da teoria, da crítica às ideologias, da produção artística etc., assim como através das diversas formas de divulgação da perspectiva revolucionária (livros, artigos, cds, teatro, internet etc).

A luta cultural é uma forma de estratégia revolucionária indispensável no combate às ilusões sistematizadas pelos ideólogos, logo, possibilita o avanço da consciência revolucionária. A estratégia da luta cultural é essencial em período de refluxo da luta operária uma vez que cria a possibilidade da emergência de um processo revolucionário. Quando realizada fortalece o bloco revolucionário e auxilia a luta da classe proletária mantendo intacta a consciência revolucionária na esfera cultural; deixa evidente os fins a serem alcançados com a luta, qual seja, o de abolir o modo de produção capitalista e instituir a autogestão.

Considerando tudo o que foi dito, finalizamos esta análise da forma que iniciamos, com a epígrafe colocada no início deste texto, que expressa o que representa a estratégia revolucionária da luta cultural. Reescrita a partir do conteúdo aqui apresentado neste artigo, a mesma pode ser entendida da seguinte forma: a luta cultural como estratégia revolucionária desenvolve ideias que podem revolucionar a sociedade inteira, enquanto está sendo efetivada está formando no seio do capitalismo os elementos que podem a qualquer momento dissolver as ideias burguesas com a dissolução do modo de produção capitalista.

Referências

ALTAMIRA, Jorge. *Teoria Marxista e Estratégia Política*. São Paulo: Xamã, 1997.

ALMEIDA, Jorge e CANCELLI, Vitoria (Orgs.). *Estratégia: a luta política além do horizonte visível*. São Paulo: Cromosete, 1998.

ANDERSON, Perry et al. *Crítica Marxista: a estratégia revolucionária na atualidade*. São Paulo: Joruês, 1986.

BAEZA, Mario Fernandez et al. *Política y Estrategia*. Santiago-Chile: Academia Nacional de Estudios Políticos y Estrategias, 1991.

ENGELS, Friedrich. Carta de Engels a J. Bloch. In: MARX e ENGELS. *Correspondencia*. Buenos Aires: Cartago, 1957.

GORZ, André. *Estratégia Operária e Neocapitalismo*. Rio de Janeiro: Zahar, 1968.

JENSEN, Karl. *A Luta Operária e os Limites do “Autonomismo”*. Revista Ruptura, ano 08, nº 07, agosto de 2001.

- MARQUES, Edmilson. *Histórias em Quadrinhos: valores e luta cultural*. Curitiba: Appris, 2018.
- _____. *Intelectualidade e Luta Cultural*. In: MARQUES, Edmilson e BRAGA, Lisandro. *Intelectualidade e Luta de Classes*. São Carlos-SP: Pedro e João, 2013.
- MARX e Engels. *A Ideologia Alemã*. São Paulo: Boitempo, 2007.
- MARX e Engels. *Manifesto do Partido Comunista*. São Paulo: Global, 1988.
- MARX, Karl. *A Guerra Civil na França*. São Paulo: Global, 1986.
- MARX, Karl. *Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*. São Paulo: Boitempo, 2005.
- MARX, Karl. *Sr. Vogt (II)*. Lisboa-Portugal: Iniciativas Editoriais, 1976.
- PANNEKOEK, Anton. *Partidos, Sindicatos e Conselhos Operários*. Rio de Janeiro: Rizoma, 2011.
- PLOECKINGER, K.; WOLFRAM, G. *O Capital em quadrinhos*. São Paulo: Editora e Livraria Escrita, 1980.
- VIANA, Nildo. *A Teoria das Classes Sociais em Karl Marx*. Portugal: Chiado, 2018a.
- VIANA, Nildo. *Blocos Sociais e Estratégia de Classe*. Goiânia: Revista Enfrentamento, ano 13, n. 24, jul./dez, 2018.
- VIANA, Nildo. *Hegemonia e Luta Cultural*. Revista Sociologia em Rede, vol. 05, n. 5, 2015.
- VIANA, Nildo. *Introdução à Sociologia*. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- VIANA, Nildo. *Manifesto Autogestionário*. Rio de Janeiro: Achiamé, 2008.
- VIANA, Nildo. *O Modo de Pensar Burguês: episteme burguesa e episteme marxista*. Curitiba: CRV, 2018b.